



## A DEFESA NACIONAL

# Haverá uma “Cavalaria Anfíbia”?

Gil Cordeiro Dias Ferreira\*

*Neste artigo, o autor discute a adequação da existência de uma Cavalaria Anfíbia na estrutura organizacional do Corpo de Fuzileiros Navais.*

*“Que nossos estribos se choquem em cavalgadas futuras,  
pois que assim estará para sempre selada a nossa amizade”*  
(saudação tradicional entre os cavalarianos).

Por ocasião de um dos períodos de debates conduzidos ao longo do II Seminário sobre o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), em 1994, tomei conhecimento, casualmente, de curioso impasse que teria ocorrido entre os oficiais incumbidos da elaboração de determinado manual de instrução do Setor Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais e os mais antigos, que avaliavam seu trabalho. Tratava-se de definir a quem competiria nuclear e comandar uma força-tarefa composta, dentre outros, por elementos de Infantaria e de Blindados. Não importaria tanto o valor (pelotão, companhia etc.) desses elementos, mas a natureza das

ações atribuídas a essa hipotética força-tarefa. Tratando-se de ações típicas da Infantaria, não haveria dúvidas: a ela competiria a sua condução. Mas, caso a ameaça a ser enfrentada requeresse muito mais o emprego de Blindados que o da tropa? Seria lícito a um meio de apoio ao combate liderar, por exemplo, uma Força de Reação, em quadro de defensiva, tendo sob seu controle operativo uma parcela da arma de combate, ou arma base? Diriam os redatores que não; diriam os avaliadores mais antigos que sim...

Eis aí interessante tema para debates, que retoma a questão vez por outra levantada no âmbito do CFN — haverá uma “Cavalaria Anfíbia”? Tentemos abordá-lo, mais ou menos à maneira dos cavalarianos, parodiando seu

\* Capitão-de-Mar-e-Guerra Fuzileiro Naval.

próprio dizer: "rapidamente, ainda que sem perfeição, mas com eficiência."

## EXPLICANDO O IMPASSE

Por longos anos os oficiais fuzileiros navais foram fortemente influenciados pela doutrina do Exército Brasileiro, fruto dos muitos cursos nele realizados, particularmente os de sua Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), obrigatórios para os capitães-tenentes (fuzileiros navais) até 1990, quando foi criado o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais FN (CAOFN), no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC).

Não é difícil constatar aí o *generation gap* ocorrido: os oficiais que elaboravam o Manual, pertencentes à nova safra, não receberam, como os menos jovens avaliadores, os influxos daquela Escola. Essa circunstância, de modo algum, permite que se conclua serem uns mais ou menos bem preparados que os outros: trata-se, simplesmente, de oficiais de formações diferentes, ambas meritórias, *mutatis, mutandis*.

Mais especificamente, os cursados no Exército Brasileiro aprenderam que aquela Força se organiza — e distribui seus oficiais e praças, desde a incorporação — segundo duas Armas Base<sup>1</sup> (Infantaria e Cavalaria), três Armas de Apoio (Artilharia, Engenharia e Comunicações) e três Serviços (Material Bélico,<sup>2</sup> Intendência e Saúde).

Já no CFN, como sabemos, não há essa rígida distinção, em que pese serem as praças distribuídas por diferentes especialidades, algumas das quais coincidentes com as retro apontadas, do Exército Brasileiro. Mas, como vimos afirmando desde há muito:

"somos todos basicamente infantes..."

A questão central, porém, é que, diferentemente do Exército Brasileiro, o CFN, à semelhança das demais tropas anfíbias do mundo, tem apenas uma Arma Base, ou de Combate Terrestre — a Infantaria; as demais unidades de Fuzileiros Navais são classificadas, para fim de planejamento de seu emprego, em dois tipos: as de Apoio ao Combate (dentre as quais se incluem os Blindados, junto à Artilharia e outros) e as de Apoio de Serviços ao Combate (Manutenção e Abastecimento, Serviço etc).

Assim, os que não cursaram, no Exército Brasileiro, a EsAO, compreensivelmente, vêem os blindados apenas como apoio, enquanto os que a cursaram, respeitadas as circunstâncias, podem admitir o emprego daqueles meios como Arma Base.

De qualquer maneira, há várias semelhanças organizacionais e operacionais, no que tange ao emprego de Blindados, entre as Forças Terrestres e Anfíbias — nestas incluído o próprio *United States Marines Corps (USMC)*, Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Tentemos mostrá-las, recordando a organização da cavalaria no Exército Brasileiro, a evolução dos Blindados no CFN e a mais recente modificação na estrutura do USMC.

## A CAVALARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

*"Se não tens a coragem do leão, o olho da águia e a rapidez do raio, para trás: não és digno de pertencer ao furação da Cavalaria"* (lema dos cavalarianos do Exército Brasileiro).

As Forças do Exército Brasileiro se distribuem, pelo território nacional, em Divisões de Exército (DE), que podem

1. Ou Armas Básicas.

2. Considerado quadro: Quadro de Material Bélico — QMB.

enquadrar, como peças de manobra, de duas a cinco Brigadas (Bda), além de várias outras unidades de apoio, cuja enumeração, aqui, é desnecessária.

Existem duas categorias de Brigadas: as de Infantaria (Blindada, Motorizada etc) e de Cavalaria (Mecanizada e Blindada). Para os leitores não afeitos a esse linguajar, cabe uma explicação: o termo "motorizada" indica que a Brigada é totalmente autotransportável em caminhões e jipe; já a expressão "mecanizada" significa que a unidade dispõe de viaturas de combate, e/ou de transporte de pessoal, dotadas de leve blindagem e armamento.

As Brigadas podem enquadrar, como peças de manobra, de dois a cinco Batalhões (as de Infantaria) ou Regimentos (as de Cavalaria), além de outras unidades de apoio.

Os Batalhões de Infantaria (Blindados, Motorizados etc) se subdividem em Companhias; os Regimentos de Cavalaria (Mecanizados, Blindados e de Carros de Combate), em Esquadrões. E, por fim, quase todas as Brigadas dispõem, como elemento de reconhecimento terrestre, de um Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (EsqdCMec) independente.

Fato interessante a ressaltar é a interpenetração dessas armas. Certas Brigadas de Infantaria — particularmente a Blindada — dispõem de unidades de Cavalaria e vice-versa. A figura 1 ilustra, parcialmente, as estruturas organizacionais citadas.

Mas vejamos, afinal, a destinação da Cavalaria.

## TAREFAS CLÁSSICAS

*"Não devemos, em detrimento de nós mesmos, ser levados a assumir que máquinas não testadas (carros de com-*

*bate) possam tomar o lugar do experimentado cavalo"* (Major-General John K. Heer, do Exército dos Estados Unidos, em 1938).

Uma das características mais marcantes da Cavalaria, desde a antiguidade, é o brutal impacto psicológico que sua carga promove sobre os por ela atacados, o que é tecnicamente conhecido como *ação de choque*. A cavalo, sobre elefantes, ou, modernamente, empregado carros de combate ou helicópteros, o efeito devastador tem sido o mesmo.

Mas há outras tarefas para essa arma; a relação a seguir não pretende esgotar o tema, embora sintetize as principais ações em que a Cavalaria costuma engajar-se, na maioria dos exércitos do mundo:

- *Reconhecimento de eixos, áreas e zonas, inclusive pelo fogo ou em força; Segurança, inclusive em movimentos retrógrados, sob os tradicionais graus de cobertura, proteção e vigilância ou como elemento de ligação ou de segurança de área de retaguarda; Combate ofensivo e defensivo, como elemento de economia de forças, ou como reserva móvel, nas mãos de um Comando Superior; Ação Retardadora; e Aproveitamento do Êxito e Perseguição.*

Caso o leitor deseje aprofundar seus conhecimentos sobre esses termos técnicos, poderá recorrer ao CGCFN-1201—Manual para Instrução de Fundamentos das Operações Terrestres de Fuzileiros Navais, ou a manuais específicos do Exército Brasileiro sobre o emprego das Brigadas de Cavalaria.

O que parece importante ressaltar é que, no decurso de Operações Anfíbias, os Fuzileiros Navais poderão vir a realizar quaisquer das ações citadas (tanto que constam de seu manual...). Para algumas

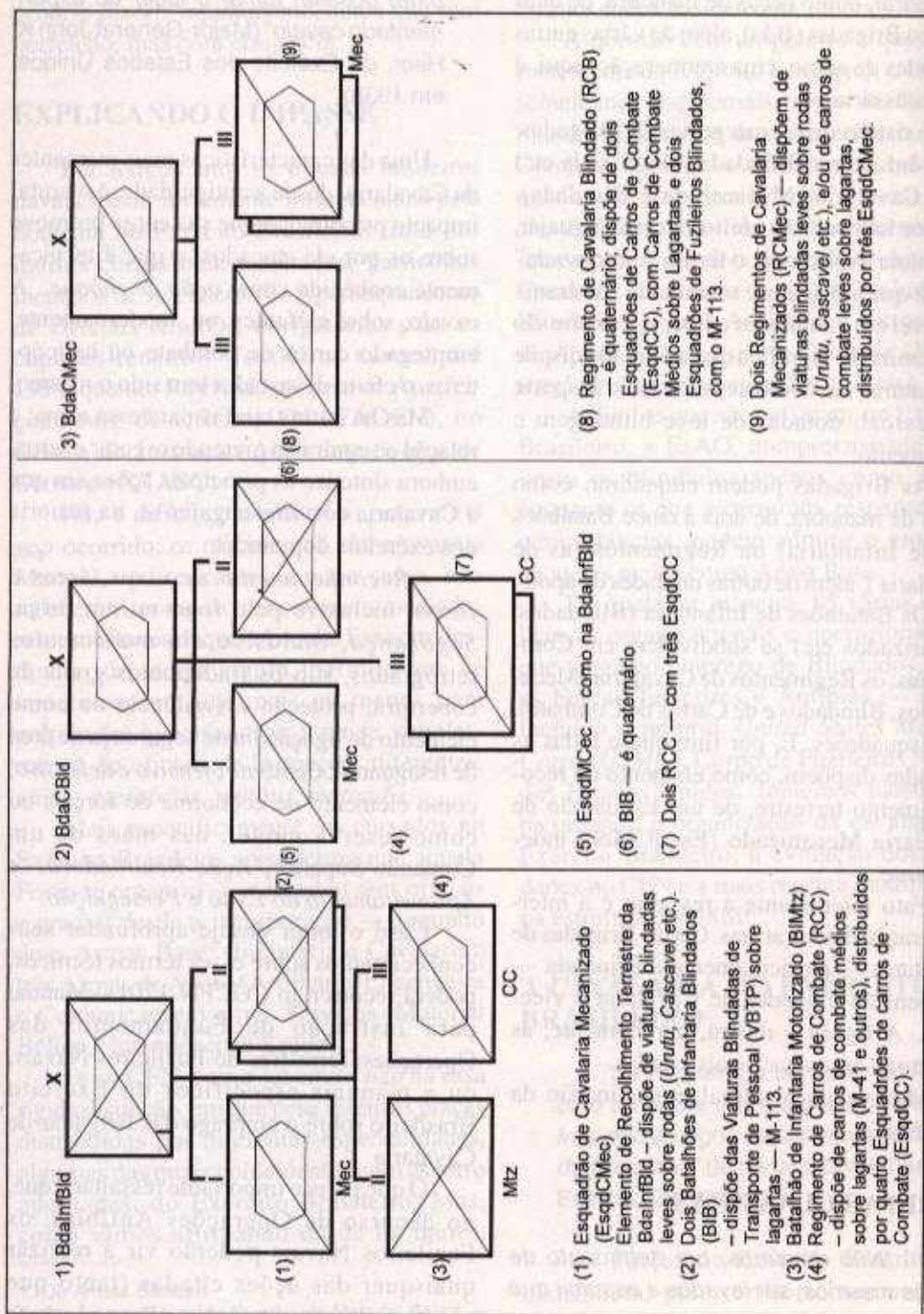


FIGURA 1: As Brigadas de Infantaria Blindada (BdaInfBlid), de Cavalaria Blindada (BdaCBld) e de Cavalaria Mecanizada (BdaCMec)

delas, inclusive, o CFN dispõe de elementos organizacionais específicos, como, por exemplo, as Companhias de Reconhecimento Terrestre (CiaReconTer) e Anfíbio (CiaReconAnf).

À guisa de ilustração, recorde-se que o Exército Brasileiro geralmente considera que a BdaCMec seja mais apropriada para o Reconhecimento e a Segurança e para atuar como elemento de economia de força. Já a BdaCBld é particularmente apta para o emprego em Ações Retardadoras, Aproveitamento do Êxito, Perseguição e como Reserva Móvel, em situação defensiva.

Uma vez constatado que, aos Fuzileiros Navais, podem ser atribuídas as tarefas clássicas da Cavalaria, passemos a buscar uma outra semelhança — a dos meios — não sem antes recordarmos a evolução dos blindados no CFN.

## OS BLINDADOS NO CFN

*"Sentinela, falange aguerrida/ na vanguarda empunhando o fuzil/ pela Pátria é que damos a vida..."* ("Na Vanguarda" — Hino dos Fuzileiros Navais)

*"Soldados, a Cavalaria/ é a Sentinela avançada/ da Pátria mãe que em nós confia..."* ("Soldados, a Cavalaria" — canção tradicional do Exército Brasileiro).

A história dos blindados, no CFN, teve início em 20 de julho de 1973, quando foram incorporados os cinco primeiros *Urutus*, hoje não mais empregados, existindo apenas dois deles, como monumentos, ancorados em praças nas Ilhas das Flores e do Governador.

A trajetória dos *Urutus* no CFN já foi relatada em artigo publicado em *O Anfíbio*,

revista dos Fuzileiros Navais, na edição especial sobre as Operações Dragão, de janeiro de 1990 (s/n<sup>o</sup>), pelo que deixo de abordá-la. Mas não se pode deixar de destacar o papel pioneiro que tiveram, ao qual se deve acrescentar um fato curioso: os integrantes do então *Pelotão de Viaturas Anfíbias/Urutu* elegeram, como símbolo, o hipocampo, ou cavalo-marinho. Essa circunstância foi de efêmera duração, e de conhecimento apenas dos tripulantes dos *Urutus*, entre 1973 e 1975. Dezenove anos mais tarde — em 1994 — ao ensejo da transformação da Companhia de Carros de Combate (CiaCC) em Comando Independente, seu primeiro comandante, sem o saber, escolheu o mesmo símbolo, para sua unidade, fato que muito emocionou os ex-tripulantes dos *Urutus* ainda na ativa...

Prosseguindo, foi o CFN aquinhado, por volta de 1976, com uma Companhia de M-113. Trata-se de uma Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP), sobre lagartas, que não é exatamente anfíbia, embora possa cruzar pequenos cursos d'água interiores.

Os M-113 foram inicialmente alocados ao hoje extinto Batalhão de Transporte Motorizado (BtlTrnpMtz), situado, à época, no km 1 da Rodovia Rio-Petrópolis, na área do Complexo Naval Caxias-Meriti. Mais tarde foi transferido para a Ilha das Flores. Ali, em 1985, foi transformado em Batalhão de Viaturas Anfíbias (BtlVtrAnf). Este, em 1986, recebeu os Carros de Lagarta Anfíbios (CLAnf) norte-americanos, que compõem atualmente a Companhia de CLAnf, co-irmã da Companhia de Viaturas Blindadas (CiaVtrBld), que congrega, até hoje, os M-113. E, por fim, dispõe o Carros de Combate Leves (CCL) sobre rodas *Cascavel*, que integram a Companhia de Carros de

Combate, mas que não dispõem de capacidade anfíbia. Cabe destacar que se encontra em andamento o processo de levantamento de características de um carro de combate sobre lagartas para o CFN, a ser obtido futuramente.

Quanto aos meios do Exército Brasileiro, observamos que as unidades mecanizadas empregam os *Urutus* (de que fomos os primeiros usuários) e os *Cascavel* (de que dispomos), e as unidades blindadas empregam, como nós, os M-113, e dispõem de carros de combate médios sobre lagartas, cuja obtenção começamos a planejar.

Adicionalmente, dispomos dos carros de lagarta anfíbios, que, em última análise, são viaturas blindadas de transporte de pessoal sobre lagartas, com a capacidade ímpar de deslocamento no mar — não seria essa a "Cavalaria Anfíbia"?

Até agora tomamos, como referência, o Exército Brasileiro. Todavia, costumamos inspirar-nos mais no *USMC*. Teriam eles a sua *Cavalaria Anfíbia*? É o que veremos a seguir.

## OS MARINES SE RENDEM AO ESPÍRITO DE CUSTER<sup>3</sup>

Creio ser dispensável descrever o imenso peso específico da Cavalaria dos Estados Unidos na cultura daquele país. Poucos dentre nós não terão assistido às dezenas de filmes de *bang-bang*, em que à última hora, aparecem os cavalarianos, para salvar a situação. Quem não se recorda de *Rin-tin-tin* e do pequeno *Cabo Rusty*? Ou da lembrança do massacre de Little Bighorn,

3. George Armstrong Custer, competente mas contravertido oficial da Cavalaria dos Estados Unidos, morto em 1876, em confronto com os índios Sioux, liderados por *Crazy Horse*, na Batalha de Little Bighorn.

em *Pequeno Grande Homem*? Ou de *Três Sargentos*, sofisticado pasticho do clássico *Gunga-Din*, levado às telas por Frank Sinatra e sua troupe, em que Sammy Davis Jr fazia o papel do lendário corneteiro? E para não nos estendermos mais, quem não traz na mente a fantástica cena de *Apocalypse Now*, em que os combatentes da Cavalaria Aerotransportada desencadeiam formidável ataque com helicópteros sobre os *vietcongs*, desrespeitando certas regras de combate, ao envergarem, orgulhosamente, berrantes cachecóis amarelos, sobre os uniformes camuflados, além dos chapéus de *cowboy*, e ao transmitirem pelos rádios das aeronaves, na "hora-H, a Cavalgada das Valquírias, de Wagner?

Pois parece que até os *Marines* se renderam a esse espírito do General Custer. De um exemplar da *Marines Corps Gazette* de 1993, extraio interessante encarte, denominado *Arms of the Corps* (Armas do Corpo, isto é, do *USMC*), em que é apresentada a nova estrutura da *Marines Division* (Divisão de Fuzileiros Navais), reproduzida na figura 2.

Observe-se a profunda reestruturação promovida nas peças de manobra. Em lugar da tradicional composição a três Regimentos de Infantaria (RgtInf), aos quais se associava, dentre outras Unidades, o Batalhão de Reconhecimento (BtlRecon), a Divisão tem, hoje, dois Regimentos de Infantaria; um Regimento de Artilharia (RgtArt), um Batalhão de CLAnf (BtlCLAnf) e um Batalhão de Engenharia de Combate (BtlEngComb), inalterados; e duas novas unidades, fruto da fusão do terceiro Regimento de Infantaria com o Batalhão de Reconhecimento: o Regimento de Armas Combinadas (RgtArmComb) e o Batalhão de Reconhecimento Blindado Leve (BtlReconBlL).

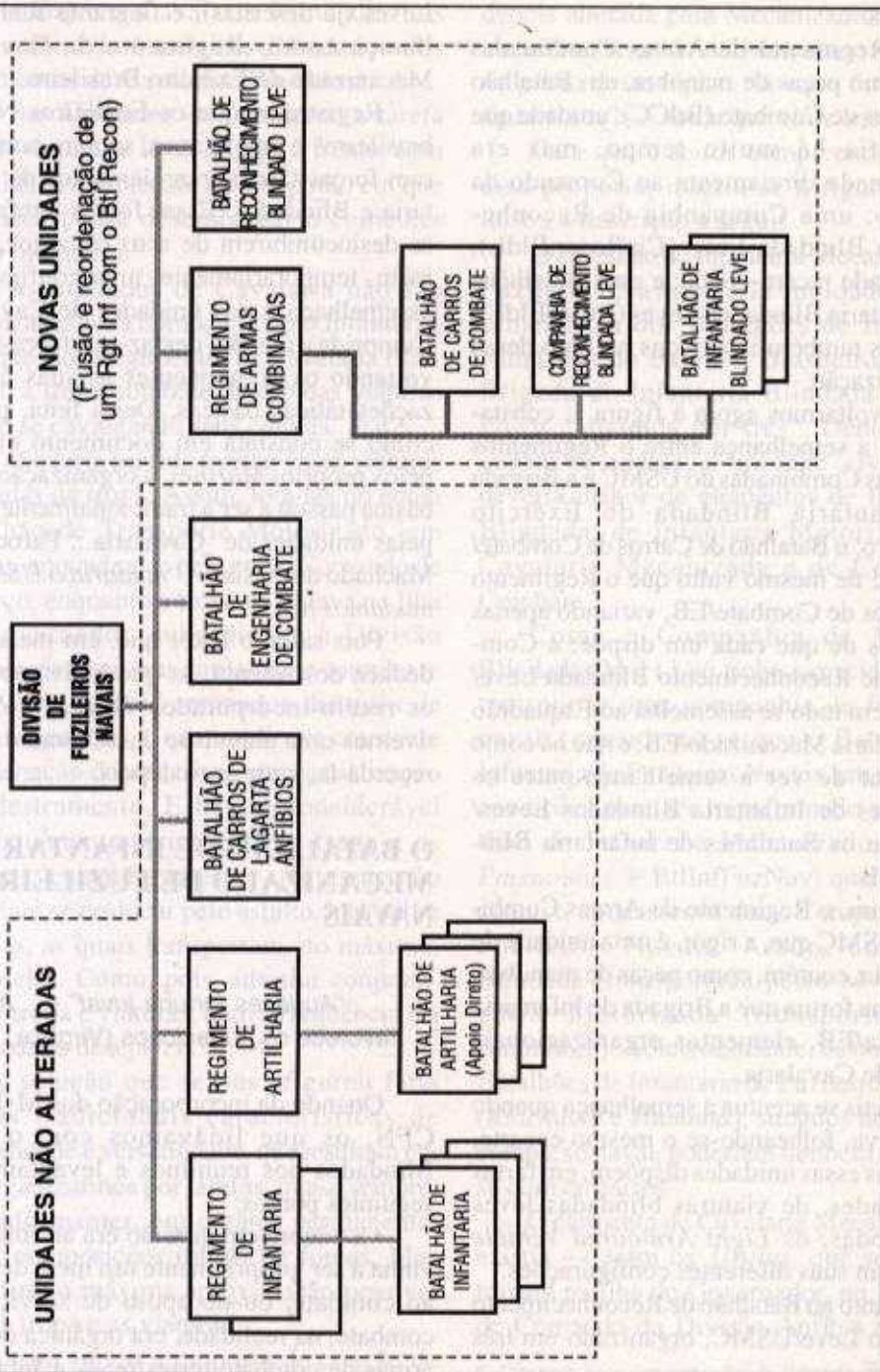


FIGURA 2: A nova Divisão de Fuzileiros Navais do "USMC"

Analisemos, pois, essas duas novas unidades.

O Regimento de Armas Combinadas tem, como peças de manobra, um Batalhão de Carros de Combate (BtlCC), unidade que já existia há muito tempo, mas era subordinada diretamente ao Comando da Divisão; uma Companhia de Reconhecimento Blindada Leve (CiaReconBldL), subunidade recém-criada; e dois Batalhões de Infantaria Blindados Leves (BtlInfBldL), unidades também instituídas no bojo dessa reorganização.

Se voltarmos agora à figura 1, constataremos a semelhança entre o Regimentos de Armas Combinadas do USMC e a Brigada de Infantaria Blindada do Exército Brasileiro: o Batalhão de Carros de Combate/USMC é de mesmo vulto que o Regimento de Carros de Combate/EB, variando apenas os meios de que cada um dispõe; a Companhia de Reconhecimento Blindada Leve/USMC em tudo se assemelha ao Esquadrão de Cavalaria Mecanizado/EB; e não há como se deixar de ver a semelhança entre os Batalhões de Infantaria Blindados Leves/USMC e os Batalhões de Infantaria Blindados/EB.

Assim, o Regimento de Armas Combinadas/USMC que, a rigor, é uma unidade de Infantaria, contém, como peças de manobra, da mesma forma que a Brigada de Infantaria Blindada/EB, elementos organizacionais típicos de Cavalaria.

E mais se acentua a semelhança quando se observa, folheando-se o mesmo encarte, que todas essas unidades dispõem, em fârtas quantidades, de viaturas blindadas leves sobre rodas, os *Light Armoured Vehicle (LAV)*, em suas diferentes configurações.<sup>4</sup>

Quanto ao Batalhão de Reconhecimento Blindado Leve/USMC, organizado em três

4. Canhão de 25mm, morteiro de 81mm, míssil anticarro TOW, míssil antiaéreo STINGER, etc.

Companhias de Reconhecimento Blindado Leves (já descritas), é flagrante sua semelhança com o Regimento de Cavalaria Mecanizado do Exército Brasileiro.

Registre-se que os Fuzileiros Navais, brasileiros e americanos, sempre compuseram forças-tarefa com elementos de Infantaria e Blindados. Essas forças-tarefa, para se desincumbirem de seus encargos, assumem, temporariamente, uma configuração assemelhada à das unidades de Cavalaria. Cumprida a missão, desfaz-se a força-tarefa, voltando os componentes às suas organizações táticas básicas. Desta feita, porém, como se constata em documento emitido pelos próprios *Marines*, a organização tática básica passou a ser a tradicionalmente usada pelas unidades de Cavalaria... Parodiando Machado de Assis — "*mudaria o USMC ou mudamos nós?*"

Pois saiba o leitor que, em meados da década dos setenta, os que lidávamos com os recém-incorporados *Urutus* e *M-113* tivemos uma antevisão desse quadro. Cabe recordá-la, vinte anos depois.

## O BATALHÃO DE INFANTARIA MECANIZADO DE FUZILEIROS NAVAIS

*"Audaces fortuna juvat"* — A sorte favorece os audaciosos (Virgílio).

Quando da incorporação dos M-113 ao CFN, os que lidávamos com o tema Blindados nos reunimos e levantamos os seguintes pontos:

- a viatura em questão era anfíbia, nem vinha a ser propriamente um meio de apoio ao combate, ou de apoio de serviços ao combate; na realidade, era orgânica de duas armas de combate terrestre — a Infantaria Blindada (nas Companhias de Fuzileiros



Blindados dos Batalhões de Infantaria Blindados) e a Cavalaria Blindada (nos Esquadrões de Fuzileiros Blindados dos Regimentos de Cavalaria Blindados);

- nas Unidades de Infantaria, a tarefa dessas viaturas é levar a tropa à frente, com velocidade e proteção, até um ponto em que a mesma possa desembarcar e combater como Infantaria;

- as unidades de Cavalaria não são organizadas para combater como Infantaria, pelo que, nos Regimentos de Cavalaria Blindados, a tropa combate dentro das viaturas (como se cavalgando seus corcéis...); e

- não faria sentido manter essas viaturas afastadas da tropa. Assim, lotá-las no então Batalhão de Transporte Motorizado, em Caxias, enquadradas pelo então Comando de Reforço, enquanto a tropa se situava na Ilha do Governador, subordinada à Divisão Anfíbia, pareceu-nos duplamente complexo. Tratava-se de dois comandos distintos de oficiais-generais, o que implicava constante coordenação de alto nível, para a realização do adestramento. E havia considerável distanciamento físico entre a tropa e as viaturas, cabendo acrescer que essas não deveriam se deslocar pelo asfalto, mas sobre carretas, as quais transportam, no máximo, duas delas. Como, pois, adestrar conjuntamente tropa e viaturas, com a frequência e a intensidade desejáveis?

A solução que se nos afigurou feria nossas tradicionais características de flexibilidade e versatilidade, que resultam em nos organizarmos por tarefas, quase sempre, evitando manter, em caráter permanente, certas composições mistas de forças. Mas permitiria a máxima aproximação possível entre a tropa e as viaturas.

Assim surgiu a proposta de criação de um Batalhão de Infantaria Blindado de

Fuzileiros Navais, denominação poucos dias depois alterada para Mecanizado. Proposta audaciosa, sem dúvida. Mas, como registrado ao início deste tópico, "à sorte favorece os audaciosos" — ainda que vinte anos depois.

Para que o leitor compreenda melhor essa proposta, inseriu-se a figura 3, que ilustra a descrição a seguir.

O Batalhão de Infantaria Mecanizado de Fuzileiros Navais seria moldado, não à semelhança dos Batalhões de Infantaria Blindados do Exército Brasileiro, mas da Brigada de Infantaria Blindada daquela Força, "dividida por três". Dentro dessa ordem de idéias, a unidade visualizada deveria dispor de elementos de Infantaria Blindada, de Infantaria Motorizada, de Cavalaria Mecanizada e de Carros de Combate.<sup>5</sup>

Como a Companhia de Viaturas Blindadas/M-113 só tinha capacidade para transportar uma companhia de fuzileiros navais, considerou-se que o Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais, em melhores condições para ser transformado em Batalhão de Infantaria Mecanizado, seria o *Paissandu* (3º BtlInfFuzNav) que, à época, contava apenas com duas Companhias de Fuzileiros Navais. Assim, uma seria Blindada (transportada pelos M-113) e a outra Motorizada (transportada em caminhões). Adicionalmente, os outros dois Batalhões de Infantaria de Fuzileiros Navais (*Riachuelo* e *Humaitá*), situados no mesmo complexo naval, poderiam também adestrar-se com os carros.

O elemento de Cavalaria Mecanizada já existia — eram os *Urutus*, que se encontravam na Ilha do Governador, no Batalhão de Comando da Divisão Anfíbia e consti-

5. Observe-se a organização da Brigada de Infantaria Blindada, na figura 1.

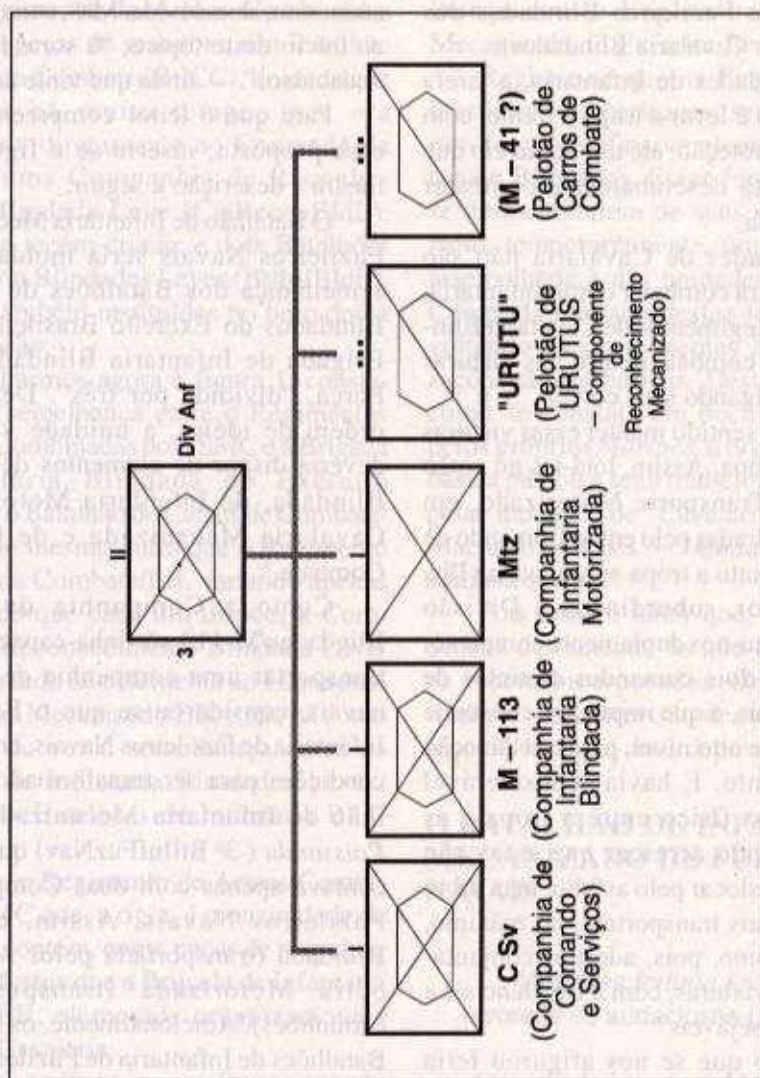


FIGURA 3: A proposta de transformação do 3º BtlInfFuzNav ("PAISSANDU") em "BtlInfMecFuzNav" (década dos 70)

tuiriam o componente de Reconhecimento Mecanizado da Unidade projetada. Faltavam os Carros de Combate à época, não se cogitava ainda dos *Cascavel*, mas de um Pelotão de M-41, norte-americanos, sobre lagartas, que, afinal, não foram adquiridos.

Pareceu-nos mais conveniente fundir a Companhia de Comando e a Companhia de Serviços, para não aumentar excessivamente a amplitude de controle.

Não é difícil constatar que o hipotético Batalhão de Infantaria Mecanizado de

Fuzileiros Navais corresponderia a "um terço" do atual Regimento de Armas Combinadas/USMC, tanto quanto da Brigada de Infantaria Blindada/EB. Premonições?

De qualquer forma, não se intenta, com este artigo, ressuscitar essa antiga proposição. Afinal, a caracterização de uma unidade/fração como "de Cavalaria" se deriva antes das tarefas que lhe são acometidas, do que de sua denominação, ou dos tipos de viaturas de que dispõe. Pretende-se, tão somente, alinhar idéias para possíveis debates futuros. E creio já tê-las alinhado em número suficiente; é tempo de concluir.

## FINIS CORONAT OPUS

É comum, em compêndios de redação, encontrar-se o ensinamento de que "o título deve ser a expressão integrada do texto".

Como se recorda o leitor, o título deste artigo é interrogativo. Conseqüentemente, a ser verdadeiro o ensinamento mencionado, o texto, como um todo, deve constituir-se em questionamento. Seria, pois, contraditório emitir conclusões. Deixo-as *ad libitum* dos leitores: afinal, haverá uma Cavalaria Anfíbia?

De qualquer maneira, é interessante registrar que falamos mais de Unidades de Infantaria Blindada, contendo elementos organizacionais típicos de Cavalaria, do que, propriamente, de unidades desta segunda Arma. Entretanto, observe-se que Infantaria e Cavalaria Blindadas são anverso e reverso de uma mesma medalha: o que costuma variar entre elas não é propriamente a natureza dos elementos que as compõem,

mas sua dosagem. Assim, se a Brigada de Infantaria Blindada/EB tem, dentre outros, dois Batalhões de Infantaria Blindados e um Regimento de Carros de Combates, a Brigada de Cavalaria Blindada, a seu turno, dispõe de dois Regimentos de Carros de Combate e um Batalhão de Infantaria Blindado...

E, mais do que pretender instituir unidades de Cavalaria no CFN, intenta-se, isto sim, manter aceso, na alma dos que têm e terão a oportunidade de comandar blindados, o espírito da Cavalaria, arma milenar, cujas características muito se destacam presentemente, quando se privilegia a guerra de manobra, vale dizer, a guerra da mobilidade, da proteção blindada, do poder de fogo, da ação de choque, enfim, a guerra da Cavalaria.

Para bem ilustrar o exaltado espírito da Cavalaria, ressaltando o idealismo de seus integrantes, seria pertinente, neste final, rememorar os feitos ou as palavras de Patton, Romel, Bradley, Guderian, ou mesmo Frederico, o Grande. Mas a escolha recaiu sobre outro cavalarião famoso, ainda que mítico — D. Alonso Quijana, fidalgo espanhol, aliás "D. Quixote de la Mancha" — que bem representa o idealismo — de quem recordo as últimas palavras as quais, segundo seu autor, Miguel de Cervantes Saavedra, teria pronunciado antes de morrer, ainda enlevado pelas imagens de sua amada Dulcinéia e de seu corcel Rocinante, nesse espírito misto de romântico e guerreiro, típico dos audazes:

*"Poderão os encantadores roubar-me a ventura; mas o esforço e o ânimo, será impossível — eis que até agora não sei o que a força de meus trabalhos conquistou!"* □